



Comunidade narrativa de fronteira: a dinâmica da oralidade entre contadores e ouvintes na região pampeana

LUCIANA HARTMANN

Doutora em Antropologia Social. Professora da UFSM

hartmann@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo é dedicado à abordagem da comunidade narrativa que liga as fronteiras entre Argentina, Brasil e Uruguai por uma rede de contadores e ouvintes que possui experiências e imaginários comuns. Na primeira parte do texto, situo teoricamente as noções de comunidade narrativa e comunidade de fala, que nortearão o trabalho. Na seqüência, descrevo as principais características de meu campo de pesquisa, situando a rede de contadores na comunidade de fala fronteiriça. Num terceiro momento, abordo a importância dos interlocutores – “ouvintes especializados” – no desenvolvimento dos eventos narrativos e, finalmente, analiso a participação desses ouvintes num gênero específico de narrativa, os “causos de enterro de dinheiro”.

Palavras-chave: narrativas orais; contadores de histórias; fronteira; performances narrativas.

PARALELAMENTE ÀS MERCADORIAS, trabalhadores, estudantes, famílias que transitam pela região da fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai¹, circulam também histórias, causos/*cuENTOS* e anedotas que contribuem no estabelecimento de um sentimento de afinidade entre os seus habitantes. Em meu trabalho, tenho procurado chamar a atenção para a importância das narrativas – e de suas performances – neste contexto de convivência e de contato cotidiano da fronteira², analisando de que maneira o fenômeno da oralidade cria suas próprias relações, constituindo-se, assim, numa atividade autônoma que ocupa, por sua vez, um importante lugar na vida fronteiriça.

Um dos principais aspectos que compõem a cultura da fronteira³ entre Argentina, Brasil e Uruguai está justamente na relação que seus

1 Realizo pesquisa etnográfica na região desde 1997. Desde então meu trabalho etnográfico vem se estendendo pela faixa de fronteira que compreende as cidades (e, sobretudo, suas respectivas zonas rurais) de Paso de Los Libres, La Cruz e Mercedes (Argentina); Santana do Livramento, Quaraí, Caçapava do Sul, Alegrete, Barra do Quaraí, Uruguaiana (Brasil); e Masoller, Minas de Corrales, Rivera, Artigas, Bella Unión, Vichadero (Uruguai).

2 Segundo Langdon (1999, p.15) “a narrativa é o resultado do evento de sua narração num contexto cultural particular”.

3 Estou de acordo com Müller (2002, p. 226), que considera que a região fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai caracteriza-se como um território diferenciado “onde se desenvolveu uma cultura particular, tendo como um dos elementos constitutivos a língua, denominada nessas localidades, em particular, como ‘portunhol’, que é diferenciado em cada um dos pontos de contato entre os países vizinhos.”

habitantes têm desenvolvido tradicionalmente com a oralidade. O ato de contar causos ou *cuENTOS* não está necessariamente organizado num sistema formal, mas participa da vida cotidiana da população, que encontra nessas narrativas uma expressão simbólica para organizar e transmitir sua experiência – real, ouvida ou imaginada. O grau de proximidade com determinados tipos de experiências valorizadas culturalmente é um dos fatores que vão indicar o pertencimento ou não dos narradores a uma mesma comunidade narrativa. O sentido com que emprego esta expressão origina-se na obra de Lima, *Conto Popular e Comunidade Narrativa* (1985), onde o autor considera que o conhecimento mútuo de narrativas e o hábito de compartilhá-las, recriá-las e performatizá-las faz com que contadores e ouvintes, numa unidade interdependente e dinâmica, formem uma comunidade narrativa. Este conceito será utilizado no decorrer do artigo, complementarmente ao conceito de rede. Maluf (1993, p. 92) também identifica esta relação de pertencimento como a articulação simbólica que a comunidade estabelece mediante narrativas: “São as narrativas, a possibilidade de contar uma história em que exista esse envolvimento, mesmo que indireto, por parte do narrador, que fazem de alguém um integrante da comunidade.”

A própria questão de que existam contadores reconhecidos e admirados por suas performances, que sejam identificadas as temáticas por eles privilegiadas, que eventos narrativos mais ou menos formais ocorram com grande frequência na região e que haja termos para categorizar determinadas narrativas (causo ou *cuENTO*, anedota, modinha etc.) demonstra que a população local distingue essa forma de expressão simbólica. E adotando o pressuposto de que a oralidade se caracteriza como a principal forma de comunicação local, na sua observação e escuta pode-se, portanto, compreender um pouco melhor a constituição e a dinâmica da cultura desta fronteira. Antes, porém, de considerar a rede de contadores que viabiliza a circulação das narrativas pela fronteira, será importante verificar como esta comunidade narrativa, identificada por compartilhar experiências e um imaginário comuns, constitui também uma mesma “comunidade de fala”.

De acordo com Hymes (1972, p. 54), uma comunidade de fala é definida pela competência comunicativa esperada de seus membros, ou seja, pelo compartilhamento das regras utilizadas para conduzir e interpretar atos de fala. No caso da fronteira, a competência comunicativa está diretamente relacionada ao conhecimento e uso de códigos de linguagem verbal e corporal apropriados. No tocante à linguagem verbal, deve-se levar em consideração que viver nesta região de fronteira pressupõe saber manipular com habilidade um ou outro idioma nacional (ou as suas combinações), de acordo com o contexto. Assim, fazer parte da comunidade

narrativa de fronteira significa também compartilhar regras e práticas comunicativas ligadas ao uso do português, do espanhol, do guarani e suas derivações nos chamados “dialetos fronteiriços” (como o “portunhol”, por exemplo). Como veremos, um contador da região sabe identificar o contexto adequado para expressar-se de uma ou de outra forma, adotando os diferentes idiomas – ou seja, alternando os códigos lingüísticos – não apenas para obter reconhecimento, mas, sobretudo, para comunicar-se de maneira mais eficaz com sua audiência.

A competência comunicativa característica dos contadores/habitantes da fronteira pode ser encarada, ainda seguindo a perspectiva de Hymes (1972), como um sistema simbólico que, entre tantos outros que constituem esta cultura da fronteira, ocupa um papel importante na definição de limites – também simbólicos – entre os falantes pertencentes às diferentes comunidades de fala. Dessa forma, quando Barreto, 62 anos, de Santana de Livramento/BR, faz o comentário mencionado abaixo, está subentendido que eu e a audiência presente podemos compreendê-lo, ou seja, compartilhamos as mesmas regras de fala que permitem a combinação, num mesmo discurso, de expressões em espanhol e em português:

Aonde tavam em volta de caña [cachaça] sempre tinha pelea [briga]. Um porque era privilegiado porque só recorria campo, outro porque ficava só com alambre [cercas de arame]... ali começava a discussão, mas sempre em volta de cachaça. Mas o capataz geralmente era muito bom, muito da peonada, nunca levava os contos daquilo que acontecia no galpão, nos comedor [refeitórios] de fazenda, pro patrão. Procurava acalmar, amenizar e deixar tudo no galpão da estância⁴.

Discutindo o conceito de comunidade de fala no contexto das Ciências Sociais, Salille-Troike (*apud* Máximo, 2002, p. 77) considera que grande parte das definições de comunidade inclui a dimensão do conhecimento, possessões e comportamentos compartilhados. Ainda, que a predominância do termo compartilhado permite utilizar o conceito de comunidade de fala como critério de definição de um grupo, desde que os padrões de uso e interpretação da linguagem, as regras de fala e as atitudes relativas à linguagem sejam parte do produto de investigações etnográficas. Em minha pesquisa, entretanto, não objetiva exclusivamente a delimitação e análise de uma comunidade de fala, ao contrário, esta noção é utilizada complementarmente ao conceito de comunidade narrativa e deve ser pensada como um dispositivo analítico que permite compreender a manipulação dos diferentes idiomas no contexto da cultura da fronteira, sobretudo no momento da narração de histórias.

4 Como suponho que o leitor não participe, necessariamente, desta comunidade de fala, procuro traduzir entre colchetes os termos em espanhol.



Cáccamo (1987, p. 131) aponta para o fato de que pode haver comunidades de fala monolíngües e comunidades de fala multilíngües. Para o autor, a existência de mais de uma língua numa comunidade não necessariamente pressupõe a existência de mais de uma comunidade de fala. Este não parece ser o caso da zona de fronteira aqui enfocada, multilíngüe, onde indubitavelmente convivem diversas comunidades de fala, de acordo com o contexto social, geracional, geográfico ou econômico de seus participantes. É importante salientar, portanto, que a comunidade de fala sobre a qual me debruço diz respeito ao grupo de contadores e ouvintes que compartilha um determinado *ethos* – combinado com sua experiência de viver na fronteira – por meio de narrativas orais expressas em códigos verbais semelhantes. Nesse sentido, todas as narrativas que escutei revelam, em maior ou menor grau, esse *ethos* local, que encontra na ruralidade (nas constantes menções ao campo ou à campanha e à presença do cavalo), na ruptura precoce com o grupo familiar, na idéia de mobilidade e autonomia do sujeito, na experiência com conflitos violentos e na importância das marcas corporais (cicatrizes, sinais...) alguns de seus mais fortes elementos.

A rede de contadores

“Ah, não... Aqui não tem nenhum contador...” Foi assim desde a primeira estância onde estive, ainda em 1997, fui totalmente surpreendida com as veementes negativas, da parte de todos que me recebiam, de que ali houvesse algum contador de causos. O interessante é que realmente todos os contadores com os quais tive contato, até mesmo os reconhecidos como tal, hesitavam em assumir sua habilidade ou a negavam num primeiro momento. Porém, apressavam-se em se desculpar: “Eu tô muito esquecido..., Eu não sei contar”. Invariavelmente referiam a um grande contador, normalmente um parente, amigo ou conhecido que morava nas proximidades, o que muitas vezes significava o outro lado da fronteira. Curiosamente, logo após esta tentativa de isenção da responsabilidade pela narração (Bauman, 1977), muitos começavam a me contar uma excelente história, como fica explícito na fala de Tomazito, 80 anos, de Rivera/UY:

Ella tiene que hablar con tío Érico. Además, yo tengo una pila de fotos del tiempo d e la Guerra, cuando se mataban ahí en la frontera. Que yo después le voy a

contar, que disparaban para el otro lado de la frontera y no les podían hacer nada. Yo voy le contar que mi padre entró en una revolución y cuando éramos chico el salió por la frontera y todo eso. (...)

Percebi então que, apesar de negarem, quase todos conheciam boas histórias, mas que havia uma diferença na maneira de contar, na habilidade daqueles que são reconhecidos ou legitimados como contadores. Devido a este aspecto, inicialmente tive a sensação de que os contadores nunca estavam onde eu os procurava. Em busca destes “narradores inexistentes”⁵, dei prosseguimento à minha pesquisa, procurando seguir a trilha que ia sendo indicada pelos próprios sujeitos da pesquisa. Aos poucos se tornava claro que para encontrá-los eu deveria reconhecer o papel que eles tinham na circulação das narrativas de fronteira e dessa forma fui percebendo que os principais contadores da região eram aqueles que viajavam, como explica Seu Rubem, de 60 anos, professor em Rivera/UY:

Al criterio que tengo yo, aunque no es mi área la parte esa, es que los narradores tenían funciones que les permitía trasladarse en distintas estancias. ¿Yo los veo mucho como aquellos narradores medievales que iban de castillo en castillo, llevando aquellos hechos que habían ocurrido, y siempre iban más lejos, no? Y que eran los que traían la comunicación. Entonces venían, por ejemplo, los alambradores. Que los alambradores en general eran contratados en un establecimiento, después en otra estancia, y en otra estancia... por lo menos en el Uruguay no hay tanto trabajo para que tu tengas contratado un alambrador fijo ahí. El otro era el tropero. El tropero, que también era contratado en distintas estancias y que se trasladaba de un lugar a otro, llevando ganado, él se encontraba con otros troperos, que a su vez le pasaban informaciones sobre otros lugares, no? Y el esquilador, que también era contratado en distintos establecimientos y los acontecimientos, las informaciones que ellos recorrían, las iban llevando a esos lugares⁶.

Minhas observações confirmam a descrição de Seu Rubem, à qual poderia acrescentar as profissões de carreteiro, de lenheiro, de mascate e, no caso das mulheres, de parteira. Benjamin (1986, p. 198) também salienta o potencial narrativo dos viajantes: “‘Quem viaja tem muito que contar’, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe”. Na fronteira, no entanto, também há indicações que vão num sentido diametralmente oposto e que apontam um grande contador como aquele que

5 Esta questão é desenvolvida com maior profundidade em Hartmann (1999).

6 Alambradores (ou aramadores) são os trabalhadores que constroem com arames, ou seja, alambres, as cercas que dividem os campos; tropeiros são aqueles que conduzem, por terra, tropas de bovinos e/ou eqüinos e esquiladores são os responsáveis pela tosa (ou tosquia) das ovelhas. Perceba-se que os mesmos termos são utilizados também no lado brasileiro da fronteira.

passou toda sua vida num mesmo lugar, conhecendo, por isso, profundamente as histórias, as genealogias e as tradições orais locais⁷.

Conforme a pesquisa foi avançando, as indicações foram fazendo com que eu circulasse indistintamente pelas fronteiras dos três países e a rede de contadores foi se tornando mais visível. Nesse momento foi-me necessário um exercício de “descondicionamento”, já que, ao invés de uma roda de causos em frente ao fogo, num galpão de estância, passei a ouvir contadores que poderiam estar solitários em suas casas, em animados eventos sociais, em armazéns ou ainda num refeitório de uma escola rural da região. Em relação aos contextos – locais e eventos mais propícios à transmissão de narrativas – cito abaixo os relatos que dois contadores fazem de suas próprias experiências, ainda na infância, ouvindo histórias:

Mi grande escuela, mi primera, pero al mismo tiempo gran escuela, fue una cocina de estancia llena de humo, con unos banquitos bajos, con una media luna de paisanos de todas las edades, negros, blancos, viejos, gurizes – porque en las estancias hay de todo, y con mucho olor a carne asada, porque siempre el desayuno era un asado, y la yerba, porque allí estaba la yerbera. Además, lo que yo aprendí allí... Nos madrugábamos, nos levantábamos y nos íbamos, y entonces uno oía los cuentos de los personajes y su vida impresionante. Habían los viejitos, que no se jubilaban en aquel tiempo, y nosotros los queríamos y éramos compañeros de ellos. Tomadores... gauchos que admirábamos⁸. (Tomazito, 80 anos, filho de estancieiros de Rivera/UY).

Como é que eu ouvia essas histórias? Tinha toda uma geração de senhoras daqui, que eram vizinhas, todas da mesma idade, e que no verão, depois do almoço, se reuniam na casa das minhas tias. Ia todo mundo lá pro pátio, tinha uma enorme duma figueira... A Siá Dália descia correndo antes, já arrumava as cadeiras, cadeiras de balanço, aí elas iam chegando com seus abanicos, a Siá Dália já levava o mate... Aí, isso que eu achava o máximo: elas todas com aquelas blusinhas, manguinhas e tal, casaquinhos... Aí os casaquinhos já saíam e ficavam nas cadeiras, as manguinhas eram arregaçadas, as blusinhas eram abertas... e os abanicos. E aí alguém dizia assim: “Mas, tu viste que nasceu o filho do seu Fulano?” E a outra dizia: “Ah, é mesmo. E por falar nisso, mas tu te lembras...” E começavam as

histórias. E tinha uma dessas senhoras que era muito surda, a Dona Conceição, mas surda mesmo. Olha, tu não imaginas, aquilo não tinha mais o que ser surda! [risos] Então eu sentava num banquinho entre a tia Iaiá e a Dona Conceição. E a Dona Conceição não conseguia ler os lábios porque ela era analfabeta, apesar de ser de uma família tradicional, de ser uma mulher rica, uma mulher inteligente, mas era analfabeta. Então eu ficava ao lado da Dona Conceição, gritando no ouvido dela: “Tão dizendo iiiisso, tão dizendo aquiiiiilo...” [risos] Então foi assim que essas histórias foram me chegando. (Simone, 49 anos, filha de antigos comerciantes de Santana do Livramento/BR).

Como se pode depreender desses dois fragmentos de narrativas, havia uma nítida demarcação de gênero entre os ambientes que meninos/homens e meninas/mulheres freqüentavam⁹. Esta diferenciação influencia não apenas na maneira pela qual as narrativas são contadas (os eventos narrativos) – que acompanhamos nas descrições de Tomazito e Simone –, mas também no conteúdo destas (os eventos narrados).

Embora minha intenção de cobrir com certa abrangência a circulação das narrativas pela fronteira fez com que, por vezes, eu solicitasse aos meus informantes indicações de contadores em alguma zona específica, as indicações espontâneas também acabaram me levando a locais que não haviam sido previamente programados. O importante é considerar que, tanto em um caso quanto no outro, os contadores indicados sempre faziam parte de um elo da rede, já que eram respaldados por outro contador ou por outros membros da comunidade:

¡Ahí está! Yo le voy a llevar a la casa de este señor que es Colunga el apellido, que es descendiente del hijo de un combatiente paraguay que vino a buscar el padre acá. Y lo buscó, lo buscó... la cuestión es que no encontró y ahí quedó ese muchacho, y ahí viene esa descendencia [sic] de ese Colunga. Es paraguay, descendiente de la Guerra de la Triple Alianza, así que él es... Ese también te puede interesar, no es cierto? Y el otro, el Francia, también te interesará. (Côco Rodríguez, 53 anos – Paso de Los Libres/AR)¹⁰.

Recorri ao conceito de rede justamente quando percebi que havia um grupo de contadores reconhecidos em toda a região, cuja trama de relações era

7 Esses dois tipos de contadores correspondem à distinção estabelecida por Benjamin (1986) que, considerando que é a experiência de vida que fornece histórias, distingue dois tipos de contadores: aqueles que adquirem seu potencial narrativo através das viagens (por exemplo, os marinheiros) e aqueles que conhecem as histórias e tradições por viverem a vida toda num mesmo lugar (por exemplo, os camponeses).

8 Perceba-se as características salientadas nos contadores descritos por Tomazito: eram “viejitos”, “no se jubilaban” (não se aposentavam), “tomadores” (borrachos) e gauchos “que mereciam admiração”.

9 Há outros demarcadores cujas análises não cabem na dimensão deste trabalho, mas que se mostram evidentes nos fragmentos citados: de classe, étnicos, etários etc.

10 Côco refere-se a Macho Colunga e a Don Francia, dois contadores aos quais ele posteriormente me apresentou.



constantemente reiterada. O fato de já ter conversado com um destes contadores amplamente reconhecidos servia como referência e até como legitimação da pesquisa no momento do contato com outro contador. E quando comecei a esboçar em meu diário de campo diagramas que demonstrassem as relações entre um e outro contador percebi que, de alguma forma, havia “linhas” que ligavam os contadores entre si, tecidos numa trama tal onde todos, direta ou indiretamente apareciam interligados. O conceito de rede do qual me ocuparei aqui, no entanto, apenas aproxima-se daquele utilizado pelos antropólogos que buscaram, a partir da década de 1950, uma opção de investigação que não aquela das sociedades longínquas, com seus limites tão rigidamente demarcados¹¹.

Relembrando o percurso histórico do conceito, pode-se verificar que foi utilizado inicialmente por Radcliffe-Brown, em 1952, (*apud* Mayer, 1987, p. 128) e buscava caracterizar a estrutura social como “a rede de relações sociais efetivamente existentes”, onde as relações seriam sustentadas por interesses convergentes. Já Barnes (*apud* Mayer, 1987, p. 129) desenvolveu o conceito de rede para analisar as classes sociais, definindo-a como um campo social formado por relações entre pessoas. Esta rede era ilimitada e não apresentava lideranças ou organizações coordenadas.

O trabalho de Bott, *Família e Rede Social* (1976), sobre redes familiares inglesas, tornou-se um clássico na área. A autora não apenas adota como também torna mais complexo o conceito de rede, categorizando as redes de relações familiares em “malha estreita”, para aquelas nas quais parentes, amigos, vizinhos e colegas de trabalho conhecem-se uns aos outros, e “malha frouxa”, para aquelas que constituem poucos relacionamentos desse tipo.

Para Mayer (1987, p. 132-133), os antropólogos tem se esforçado em formular dois diferentes conceitos que dêem conta de situações sociais onde são encontrados agregados de pessoas que não formam grupos, um destes, a rede, caracterizaria as relações ilimitadas entre pares de indivíduos que compõem um campo de atividade, o outro, o conjunto, envolveria as interconexões finitas, iniciadas por um ego que forma parte dessa rede. O que ocorre, porém, é que estes conceitos são usados com diferentes enfoques pelos antropólogos. Segundo ele, num trabalho como o de Bott, o conceito de rede, utilizado para analisar as relações de amizade, parentesco e vizi-

nhança de uma família urbana com outra, estaria mesclado ao de conjunto.

Essas discussões, importantes num dado momento, atualmente já tomaram outros rumos. Ainda assim creio que o termo rede, que possibilita definir um grupo ligado por interesses (e, no caso da fronteira, também um *ethos*, um imaginário e práticas) comuns, cujas relações podem ser maleáveis, informais e ilimitadas, continua sendo válido.

Conforme anteriormente relatado, a rede com a qual trabalhei foi baseada em indicações fornecidas, em geral, pelos próprios contadores. Assim, ainda que pelas limitações espaço-temporais concernentes à pesquisa eu, de alguma forma, tenha criado minha própria rede, esta indubitavelmente é parte constitutiva da rede mais extensa de contadores da fronteira. Esta rede poderia ser caracterizada, utilizando a terminologia desenvolvida por Bott, como de “malha frouxa”, pois, embora nem todos os seus membros estejam ligados por relações diretas, são todos responsáveis, em diferentes níveis, pela transmissão das narrativas orais da fronteira. Entretanto, mesmo que nem sempre haja vínculos reais (de parentesco, amizade ou de pertencimento ao Movimento Tradicionalista Gaúcho, por exemplo) entre os contadores, estes vínculos podem estar presentes nas próprias narrativas que difundem a fama de um contador (*O Gaúcho Pampa conta uma que eu vou te contar...*), reforçando, através do ato de narrar, os elos que conectam a rede.

Embora não caiba nos limites desse trabalho o desenvolvimento desta questão, inicialmente pude identificar nessa rede cinco diferentes categorias – não excludentes – de contadores (as mulheres, os idosos, os historiadores autodidatas, os borrachos e os tradicionalistas), que depois acabei condensando em quatro¹². A divisão em categorias foi um modo que encontrei de analisar os diferentes grupos de contadores, ainda que emicamente elas não sejam utilizadas.

Antes de entrar especificamente na questão da dinâmica da oralidade entre contadores e ouvintes da fronteira, gostaria de apresentar um pouco mais detalhadamente meu campo de pesquisa. Durante os aproximadamente oito meses da pesquisa de campo que realizei entre 2002 e 2003 ouvi as mais variadas narrativas, contadas por narradores tão diversos quanto peões, estancieiros, professoras, cozinheiras, crianças, donas de casa, idosos aposentados, trabalhadores autônomos, empresários ou estudantes. Ou seja, nas cidades, *pueblos* e estâncias onde estive praticamente todos tinham his-

11 Feldman-Bianco (1987), na introdução da coletânea *Antropologia das Sociedades Complexas*, avalia o surgimento do conceito de rede naquele contexto. Segundo ela, o emprego do termo constituiu naquele momento um esforço no sentido de romper com as limitações de conceitos como comunidade, localidade, sociedades camponesas, segmento sócio-cultural, micro e macro etc., e visou “interpretações mais amplas” (*Geertz apud* Feldman-Bianco, 1987) que possibilitassem “incluir a história e dados documentais para a análise da multiplicidade de acontecimentos que envolvem gente, tempo e lugar no contexto das complexidades dos processos sociais.” (Feldman-Bianco, 1987, p. 38).

12 Em minha tese de doutorado (Hartmann, L., 2004a) concluí que “historiadores autodidatas” e “tradicionalistas” configuram uma mesma categoria.

tórias para contar (apesar de, num primeiro, momento negarem)¹³. No entanto, se todos contavam histórias, como identificar os diferentes grupos de contadores? A resposta veio pela indicação – pois embora todos contem histórias, nem todos são indicados como contadores – e, conseqüentemente, dos critérios utilizados na atribuição de legitimidade a um dado contador. Dessa forma, distribuí as categorias de contadores da fronteira de acordo com as relações socialmente legitimadas entre idade, gênero, ocupação e temática preferencial das narrativas.

Ouvintes especializados

Dependentes de uma reunião de, no mínimo, duas pessoas, os causos são contados preferencialmente quando há outros contadores presentes na audiência – ou ouvintes especializados. Vejamos um comentário que ouvi durante minha pesquisa de campo a esse respeito: “Bom é quando têm uns quantos. Um conta e outro já lembra doutro, e outro conta aquele, e outro lembra doutro...” Em busca do reconhecimento do “parceiro”, no início dos causos, nomes de pessoas e locais são estrategicamente assinalados “Aqui tem o Seu Bibi Carvalho... é apelido dele, Bibi Carvalho, sabe? Na Picada Grande.” A presença desses interlocutores é importante até mesmo para garantir a autenticidade das histórias, pois os contadores também não desperdiçam a oportunidade de confirmar as informações com outros membros da roda, como se pode perceber neste trecho de uma *charla* entre Gaúcho Barreto, de 62 anos e Luís Carlos, de 74 anos, ambos de Santana do Livramento/BR:

LC – Tinha a estância do meu avô, a São Miguel...

GB – A estância da carreta!

LC – É isso mesmo.

GB – O aramador... o aramador morava numa carreta.

LC – O Marreco, isso mesmo.

GB – Morreu há pouco tempo, né?

LC – Morreu há uns seis, oito anos.

GB – E a carreta, tá na frente da fazenda?

LC – Não, eu fiz questão de mandar levar prá família. Desarmeí aquilo que eu pude, boteí num caminhão e mandei entregar prá família. Pois às vezes vira um monumento, até o Barreto sabe.

GB – Me criei trabalhando ali.

Levando em consideração a importância da relação entre contadores e ouvintes especializados, será importante ainda salientar, para compor a análise proposta neste artigo, a participação dos informantes, aqueles que foram meus guias e interlocutores junto aos contadores. Como procedimento utilizado na pesquisa de campo, eu viajava pela fronteira, de estância em estância e hospedava-me nas casas de pessoas indicadas. Visitava os contadores, sempre acompanhada de um guia, que poderia ser um capataz da fazenda, um vizinho, um fazendeiro, uma professora da escola rural, um pesquisador local, generosos em conduzir-me e interessados em divulgar as histórias do “compadre” ou conhecido.

Os melhores interlocutores, portanto, não eram necessariamente contadores, mas estes intermediários, pessoas que me apresentavam àqueles, contextualizavam seu papel frente ao grupo e, eventualmente, acompanhavam nossas conversas. Na grande maioria dos casos, a presença destes interlocutores durante os eventos narrativos era importantíssima, pois gerava um ambiente familiar e estimulante ao contador e lhe permitia tecer comentários, conferir informações, compartilhar histórias, ou seja, falar para um ouvinte especializado. A importância do estímulo conferido pela audiência para que os causos/*cuentos* ocorram é mencionada pelo contador Roberto Rodriguez, de 56 anos – Tomaz Gomensoro/UY:

Siempre tenemos unas anécdotas para contar cuando... surgen más cuando pasan los años y uno se encuentra con un conocido. Se encuentra con alguien ahí que... Entonces se ve las anécdotas: “¿Chê, te acuerdas de tal vuelta que nos encontramos? De Fulano, do que él hizo, de lo que pasó...?” Entonces se transforman en las verdaderas ruedas de cuentos, de anécdotas, de las cosas, no? Pero... Pero así sin un motivo, si uno as veces no tiene un incentivo... Tiene que ser una recordación: “Chê, te acuerdas tal cosa?” O respecto a un caballo: “Te acuerdas el caballo que montaste, aquél caballo que te volteó?” Entonces son cosas así...

O bom interlocutor eventualmente também agiu como tradutor, no caso de narrativas contadas em guarani, como ocorreu na Argentina, por exemplo, e mesmo para algumas palavras do espanhol *criollo*¹⁴. Além disso, estes sujeitos também teciam seus comentários e faziam suas próprias interpretações, auxiliando-me na compreensão do contexto amplo das narrativas. Sua atuação como primeiros ouvintes diante dos conta-

13 Estamos diante de um paradoxo: todos contam histórias, mas nem todos são contadores. Mato (1990, p. 46) a partir de um estudo de caso semelhante, comenta: “Es decir que nos encontramos ante un problema de delimitación analítica dentro del carácter contínuo con que se presenta la realidad.” Encontrar os dispositivos de análise que permitam esta tentativa de delimitação ou categorização é o que procurarei fazer nas páginas seguintes.

14 Embora domine o espanhol e aos poucos tenha me familiarizado com o chamado “portunhol” ou “dialeto fronteiriço”, não tive condições de aprender o guarani, daí a importância de ter um tradutor que me acompanhasse, ainda que raramente as narrativas fossem contadas integralmente neste idioma (pois os próprios contadores muitas vezes também se encarregam de traduzi-las).

dores também ampliou as possibilidades que eu tinha para realizar o registro audiovisual, liberando meu olhar e permitindo a realização de pequenos movimentos com a câmera¹⁵. Por outro lado, ainda que tenha ocorrido poucas vezes, alguns interlocutores também prejudicaram ou mesmo impediram o desenrolar das narrativas. Um destes, mais afoito, insistia com um narrador para que me contasse histórias de assombração, ainda que este estivesse mais interessado em contar-me sua triste história de vida. Outro, na ânsia de me ajudar, impediu que a filha de um contador, já bastante idoso e com dificuldades de memória, contasse suas próprias histórias e desse sua versão para as histórias do pai, o que para minha pesquisa também poderia ter sido muito interessante.

Com base na compreensão da importância destes sujeitos, mediadores fundamentais dos eventos narrativos, a ênfase de minha pesquisa foi redirecionada: de eventos narrativos formais, públicos, onde são narrados casos com enredos reconhecidos a ouvintes que têm pequena participação, para eventos informais, mais privados, nos quais o narrador – segundo sua história de vida – faz emergir contos tradicionais para interlocutores bastante próximos e capazes de contribuir com o andamento da narrativa. Em outras palavras, além de considerar as tradições orais no seu âmbito não cotidiano, em suas performances culturais (Singer, 1972), procurei também perceber a inserção da oralidade e das construções narrativas na vida social e na manutenção dos laços simbólicos que aproximam as três fronteiras dando-lhes a aparência de uma só cultura.

Os casos de enterro de dinheiro

Para finalizar quero abordar um gênero local de narrativas, os casos de enterro de dinheiro, cuja peculiaridade reside justamente na importância da participação dos ouvintes, pois estes são de tal forma estimulados que muitas vezes acabam por desencadear novas ações de procura por tesouros escondidos, as quais, por sua vez, geram novas narrativas. Rosaldo (1993, p. 129), trabalhando com histórias de caçadas dos Ilongot, demonstra que os caçadores, de fato, procuravam experiências que pudessem ser contadas como histórias, ou seja, as histórias, muitas vezes, produzem mais do que simplesmente refletem a conduta humana. Dessa forma, como no caso das histórias de enterro de

dinheiro, revela-se um contínuo entre experiência/narrativa/experiência/novas narrativas. Essa situação também reflete aquilo que Bauman (1986, p. 2) chamou de a radical interdependência entre os eventos narrados (o conteúdo do que é contado) e os eventos narrativos, ou seja, a performance propriamente dita.

Os casos de enterro de dinheiro são histórias sobre panelas de barro ou ferro enterradas com moedas de ouro, sonhos com indicações do local onde está o dinheiro, maldições sobre quem encontra o ouro e não segue as prescrições etc. Abaixo temos um exemplo destas narrativas, na qual se pode perceber claramente a dissolução das fronteiras entre narrador e ouvinte, já que o ouvinte de uma narrativa/relato de experiência se torna atuante e posteriormente narrador de um novo caso:

– Jorge: As panelas de ouro. Eu e um rapaz, um primo meu, por acaso esse aqui, né (risos), um dia nós conversando: vamos ficar ricos? – Vamos. Começamos a perguntar prá esses mais antigos¹⁶, perguntamos sobre isso, sobre aquilo... então onde a gente descobria a gente ia. Podia ser de dia, de noite, não tinha hora prá ir. Aí nos fomos lá no... (Grifo meu)

– Alemão: Passo Feio.

– Jorge: Passo Feio, Passo Feio. Mas lá já tinha sido um fato... tinha ido um tio nosso, um tio nosso... e dois primos. Tinham ido e tinham disparado. Tinham visto uma assombração e tinham disparado. Aí nós fomos... Nós éramos cinco. Nós fomos lá. Montamos uma parceria e fomos. Chegamos lá, é aqui, é ali, é aqui, é ali, vai nesse 'aqui, ali', né, rolava uma garrafinha de cachaça assim, né, prá criar coragem. Nesse 'é aqui, é ali, é ali, é aqui', aí foi que o vaqueano se achou: "Não, agora eu não me perco mais. É aqui." E passa sanga e sai da sanga, e sobe sanga, e desce sanga e nós tudo... atrás, na culatra, ninguém queria ir, de jeito nenhum! Dava um ventinho numa árvore já um cutucava no outro. Esse aqui perdia o boné, aquilo eu só via as mãos dele assim nos meus pés, com o bonezinho agarrado. Aí foi, foi, foi, deu numa barranca de sanga alta, de uns três metros de altura, né. Pararam, o primeiro parou, parou todo mundo atrás. Uma geada... uma friagem... mês de agosto. Aí eu vinha atrás e perguntei: "Mas quantos nós somos?" Aí diz o primeiro lá, um irmão meu, fez assim no bigode: "Semos cinco". "Mas e esse que me empurra aqui quem é?" Aquilo tu só via assim dentro água, zuc, zuc, zuc, tudo de roupa prá dentro d'água. E não achamos o lugar e viemos embora prá casa. Tudo molhadinho. Todos molhadinhos. (risos)

¹⁵ Discuto os meandros da produção audiovisual na pesquisa etnográfica em outro artigo (Hartmann, L. 2004b).

¹⁶ Há uma surpreendente relação entre "os mais antigos", frequentemente citados nos casos gaúchos de enterro de dinheiro, e os chamados "viejos de antes", mencionados nos "treasure tales" pela comunidade mexicana estudada por Briggs (1985). E assim como Alemão e Jorge são famosos em sua cidade como procuradores de moedas de ouro enterradas e grandes transmissores das histórias que cercam estas misteriosas fortunas, Briggs apresenta neste artigo dois contadores que são conhecidos como os mais ardentes caçadores de tesouros da comunidade. O autor, partindo de um diálogo entre estes contadores, vai realizar uma bela análise dos vários aspectos que compõe a estrutura e o contexto desta narrativa.

Os causos de panela de dinheiro enterradas, apesar da prerrogativa de fortuna que trazem, vêm envoltos em certo clima de temor e desconfiança pelo destino quase sempre trágico dos que ganharam o dinheiro. Complementando estas narrativas é comum que sejam dados exemplos concretos (com nome, profissão etc.) de pessoas que tenham enriquecido graças a algum enterro de dinheiro. Apesar das constantes justificativas para tamanha quantidade de dinheiro enterrado (“antes não tinha banco”), eu permanecia impressionada não só com a preponderância de causos sobre este tema, mas com o vasto imaginário constituído nesse sentido na região. Comentando meu estranhamento com um de meus informantes, ouvi dele, fora da situação da roda de causos, uma explicação bem diferente para o fato, pois com a proximidade da linha de fronteira, vários tipos de infrações lucrativas (contrabando, tráfico, desvio e lavagem

de dinheiro), somadas às constantes mudanças no câmbio, propiciavam enriquecimentos súbitos que precisavam ser justificados de alguma forma. Eram nestas ocasiões, então, que começavam a circular, sempre em tom de segredo, detalhadas narrativas sobre como, quando e onde fulano encontrou seu dinheiro enterrado.

Independente das motivações, o fato é que há ricas narrativas sobre esta questão e Alemão e Jorge compartilham dessa riqueza no momento em que são estimulados a agir, na prática, e quando transformam a experiência vivida em uma nova história. Estes causos, ao servirem como modelo da realidade e modelo para realidade (Geertz, 1989), portanto, revelam uma experiência comum entre os habitantes da fronteira, não necessariamente aquela ligada à busca de enterros de dinheiro, mas a experiência de ouvir, contar e compartilhar narrativas orais.

Referências

- BAUMAN, Richard. *Verbal Art as Performance*. Rowley, Mass: Newbury House Publishers, 1977.
- BAUMAN, Richard. *Story, Performance and Event - contextual studies of oral narrative*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas - Magia e Técnica, Arte e Política*. 2. ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. v.1.
- BOTT, Elizabeth. *Família e Rede Social*. Tradução de Mário Guerreiro. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- BRIGGS, Charles. The Pragmatics of Proverb Performances in New Mexican Spanish. *American Anthropologist*, v. 87, n. 4, p. 793-810, 1985.
- CÁCCAMO, Celso Alvarez. Fala, bilingüismo, poder social. *Agalia* – Revista da Associação Galega da Língua. n. 10, p. 127-150, 1987.
- FELDMANN-BIANCO, Bela (Org.). *Antropologia das Sociedades Contemporâneas*. São Paulo: Global, 1987.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- HARTMAN, L. Oralidade, Corpo e Memória entre Contadores e Contadoras de Causos Gaúchos. *Revista Horizontes Antropológicos*, ano 5, n. 12, p. 267-277, 1999.
- _____. *Aqui nessa fronteira onde tu vê beira de linha tu vai ver cuento – tradições orais na fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai*. Florianópolis, 2004a. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, UFSC.
- _____. “Revelando” Histórias: os usos do audiovisual na pesquisa com narradores da fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai. *Campos* – Revista de Antropologia Social, n. 5, v. 2, p. 65-86, 2004b.
- HYMES, Dell. Models of the interaction of language and social life. In: HYMES, D.; GUMPERZ (Orgs.). *Directions on Sociolinguistics*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1972, p. 35-71.
- LANGDON, E. Jean. A Fixação da Narrativa: do Mito para a Poética da Literatura Oral. *Horizontes Antropológicos*, ano 5, n. 12, p. 13-36, 1999.
- LIMA, Francisco Assis de S. *Conto Popular e Comunidade Narrativa*. Rio de Janeiro: FUNARTE/ Instituto Nacional do Folclore, 1985.
- MALUF, Sônia. *Encontros Noturnos: bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.
- MATO, Daniel. Cuenteros Afrovenezuelanos en Acción. *Oralidad - lenguas, identidad y memoria de America*, La Habana, n. 2, p. 41-47, 1990.
- MÁXIMO, Maria Elisa. *Compartilhando Regras de Fala: interação e sociabilidade na lista eletrônica de discussão Cibercultura*. Florianópolis, 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC.
- MAYER, Adrian. A Importância dos “quase-grupos” no estudo das sociedades complexas. In: FELDMANN-BIANCO, Bela (Org.). *Antropologia das Sociedades Contemporâneas*. São Paulo: Global, 1987, p. 127-158.
- ROSALDO, Renato. *Culture and Truth*. Boston: Beacon Press, 1993.
- SINGER, Milton. *When a Great Tradition Modernizes*. Chicago: University of Chicago Press, 1972.



Narrative community of the borderlands: the oral dynamics between storytellers and listeners in the pampa region.

Abstract

This article is dedicated to the approach of the narrative community which connects the borderlands of Argentina, Brazil and Uruguay through a network of storytellers and listeners with common experiences and imaginaries. In the first part of the text I theoretically state notions of narrative community and speech community, which will direct the work. Following that, I describe the main characteristics of my field work, placing the network of storytellers in the speech community of the borderland. In a third moment, I address the speakers' importance – “specialized listeners” – in the development of the narrative events, and finally I analyze the participation of those listeners in a specific kind of narrative, the “tales of burying money”.

Key-words: oral narratives; storytellers; borderlands; narrative performances.

Data de recebimento do artigo: 15 de fevereiro de 2008

Data de aprovação do artigo: 22 de abril de 2008